

**A Revista *Arquivos do Museu Nacional* e a divulgação das ciências naturais:  
um estudo sobre os prefácios**

MICHELE DE BARCELOS AGOSTINHO\*

Em 1876 foi criada na capital do Império a primeira revista especializada em ciências naturais do Brasil. Tratava-se da *Revista Arquivos do Museu Nacional*. Nela, os pesquisadores vinculados ao Museu Nacional do Rio de Janeiro publicavam os trabalhos que desenvolviam naquela instituição, a qual ocupava, desde 1818, ano que fora fundada, lugar central nos estudos de história natural do país.

A criação deste periódico ocorreu num momento marcado pelo cientificismo, onde se acreditava na “impossibilidade de qualquer solução não-científica para os problemas humanos, pois só a ciência revelaria o ser das coisas” (Vergara, 2003:40). Tratava-se igualmente de um momento no qual os museus eram tidos como “centros irradiadores e condutores das ciências e da evolução dos países” (Lopes, 2000:229).

A produção e a circulação da *Revista Arquivos* permitiram a inserção do Museu Nacional no “movimento dos museus” que, iniciado em 1870, consistiu em formar uma organização profissional e em estabelecer redes de comunicação entre si, o que provocou uma “expansão sem precedentes dos museus de todos os tipos, por todos os continentes, como um verdadeiro movimento social, marcado pelo estabelecimento de amplas redes de intercâmbio, que puseram em contato (...) os museus de todo o mundo” (Lopes e Muriello, 2005:17).

Os *Arquivos* circularam até 1932. À luz das nossas investigações, estão as publicações referentes aos anos de 1876 até 1887, cujos volumes tem Ladislau Netto<sup>1</sup>, então diretor geral do Museu, como membro da comissão de redação da revista. Para este período temos, ao todo, sete volumes, sendo um formado por uma única obra e os demais, por coletâneas de artigos de diferentes autores. Os volumes eram compostos pela junção de fascículos, conforme estabelecia o Regulamento de 1876, documento que deu origem ao periódico.

---

\* Mestranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Técnico em Assuntos Educacionais do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ.

<sup>1</sup> O botânico Ladislau Netto estudou nas escolas de Sorbonne e no Jardim des Plantes de Paris. Era membro da Sociedade Linneana de Paris, da Academia de Ciências de Lisboa, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, dentre outras. Atuou como encarregado do governo francês para estudar a flora da Argélia. Retornando à Europa em 1865, foi nomeado pelo governo brasileiro para o cargo de diretor da Seção de Botânica do Museu Nacional Ali, foi também diretor interino, tornando-se diretor geral em 1875. Ver Keuller, 2008.

2

O Regulamento de 1876 previa, dentre outras coisas, a nova divisão das seções, as finalidades da instituição, os modos de ingresso para seus quadros e as competências dos cargos, além de criar os cursos gratuitos e a Revista *Arquivos do Museu Nacional*, que deveria dar “conta de todas as investigações e trabalhos realizados no estabelecimento, das notícias nacionais ou estrangeiras que interessarem às ciências de que se ocupa o Museu.”<sup>2</sup> Este documento vinha a atender às novas necessidades reclamadas pelo trabalho científico, queixa presente no relatório de 1873 do Museu, apresentado por Ladislau Netto.

De acordo com o Regulamento, cabia ao diretor geral, além de várias outras atribuições, presidir as reuniões do Conselho Diretor, nomear naturalistas viajantes, promover relações entre o Museu e análogos estabelecimentos nacionais e estrangeiros e dirigir a Seção Anexa do Museu.<sup>3</sup> O mesmo documento ainda estabelecia que o diretor geral, junto com um diretor de seção e um subdiretor, deveria compor a comissão de redação da revista.

No período em questão, participaram da referida comissão, além de Ladislau, Charles Frederic Hartt, João Batista de Lacerda, João Joaquim Pizarro, Orville Adalbert Derby, Nicolau Joaquim Moreira, Carlos Luiz Salles Junior e Francisco José de Freitas. Apenas estes dois últimos não tiveram artigos publicados na revista. Entretanto, era de Ladislau o papel principal na elaboração dos *Arquivos*, seja porque foi permanente sua presença na comissão, seja porque a edição da revista cabia particularmente a ele.

Segundo o Regimento Interno do Museu, criado em 1879, a comissão de redação julgava os artigos a serem publicados e revisava-os, de acordo com os seguintes critérios: os trabalhos deveriam ser de interesse coletivo, originais e com temas relacionados às seções do Museu. Ao diretor geral competia, “como presidente da comissão de redação, determinar o modo de impressão, o volume, a ilustração, etc. de cada fascículo, conforme lhe parecer mais em harmonia com os interesses dos autores, crédito da revista e posses do museu.”<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Art. 19 do Regulamento de 1876 do Museu Nacional, publicado nos *Arquivos do Museu Nacional*, v. 1, 1876. Disponível em <<http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br>>.

<sup>3</sup> O Museu era dividido em quatro seções: 1ª Seção - Antropologia, Zoologia, Anatomia e Paleontologia Animal; 2ª Seção - Botânica e Paleontologia Vegetal; 3ª Seção - Geologia, Mineralogia e Paleontologia Geral; Seção Anexa - Arqueologia, Etnografia e Numismática. Para cada seção havia um diretor e um subdiretor. No caso da seção anexa, o diretor da mesma seria o diretor geral do Museu.

<sup>4</sup> Regimento Interno. Fundo Museu Nacional. Série Diretoria. Avisos e Ofícios. Pasta 18. Doc. 9A. 1879.

3

Foi Ladislau também quem escreveu todos os prefácios existentes nos volumes analisados. A *Revista Arquivos* circulava em território nacional e no exterior<sup>5</sup>: os exemplares eram distribuídos gratuitamente a dezenas de instituições congêneres nacionais e estrangeiras na forma de permuta, aos membros correspondentes e aos funcionários do Museu. Deste modo, a ampla circulação da revista supunha a estruturação de uma comunidade de leitores, estes diversificados e especializados, de diferentes nacionalidades e com formação variada. Assim, a escrita dos prefácios se fazia necessária no sentido de preparar a acolhida do texto e de orientar sua leitura. Segundo Genette, a função do prefácio consiste em “colocar o leitor – definitivamente suposto – de posse de informações que o autor julga necessárias à boa leitura” (Genette, 2009:186).

Dos sete volumes analisados, apenas quatro deles tem prefácio. O primeiro volume, datado de 1876, ano de inauguração da revista, temos a “Advertência”, onde Netto apresenta o periódico, faz agradecimentos e destaca o valor histórico e científico do Museu Nacional. Nos volumes subseqüentes não há prefácios: trata-se dos volumes dois, três e quatro, correspondentes aos anos de 1877, 1878 e 1879, respectivamente. Já os volumes cinco, seis e sete apresentam prefácios. O volume cinco, elaborado em 1881, traz a *Flora Fluminense* completa, de autoria do Frei José Mariano da Conceição Velloso. O volume seis, de 1885, é todo ele dedicado à Exposição Antropológica realizada no Museu Nacional em 1882. E, por fim, no volume sete, de 1887, são publicados trabalhos derivados da atuação de Charles Frederic Hartt na Comissão Geológica do Brasil, com a particularidade de apresentar o texto escrito em português e em inglês no mesmo volume.

São distintas as circunstâncias da escrita dos prefácios por Ladislau. Para analisa-los, optamos por adotar as tipologias propostas por Gérard Genette. Segundo o autor, o prefácio pode ser classificado por autoria em relação à obra e pela sua situação temporal também em relação à obra. Genette classifica como autoral o prefácio cujo autor é o mesmo da obra e como alógrafo quando o autor difere. Quanto à situação temporal, ele considera original o prefácio escrito para o momento da publicação e tardio aquele escrito para uma obra original publicada tardiamente ou postumamente. A existência de várias nuances na composição de prefácios é prevista pelo próprio autor, segundo o qual “as funções dos paratextos constituem,

---

<sup>5</sup> Ao fim de cada volume da revista, há a relação das instituições que receberam exemplares dos *Arquivos*, bem como a descrição das obras permutadas.

4

pois, um objeto muito empírico e muito diversificado, que se deve evidenciar de maneira indutiva, gênero por gênero e, muitas vezes, espécie por espécie” (2009, p. 18). A seguir, analisamos os prefácios, um a um.

### **O Volume 1: *Advertência***

Em 1876, ano de lançamento da *Revista Arquivos*, o diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto, apresentou o periódico à comunidade científica de então. Na ocasião, acompanharam o primeiro fascículo: o Decreto 6.116 de 9 de fevereiro de 1876, que tratava da reorganização do Museu, assinado pelo então Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Thomaz José Coelho de Almeida; o Regulamento referido naquele Decreto; e a *Advertência*, de 28 de março de 1876, assinada por Ladislau Netto.

Apresentando o periódico, constavam ainda duas circulares escritas em francês, que foram “remetidas às instituições científicas dos dois hemisférios com os primeiros fascículos dos nossos *Arquivos*.”<sup>6</sup> Tais circulares tinham o objetivo de divulgar a reorganização do Museu e de propor a permuta de publicações às instituições destinatárias.

Na primeira, dirigida *Aux Sociétés Savantes*, o diretor do Museu mencionou as transformações ocorridas na estrutura do Museu em função do novo regulamento e a criação dos cursos públicos e da *Revista Arquivos do Museu Nacional*. Ladislau ainda citou nomes de pesquisadores estrangeiros – Hartt, Gorceix, Jobert, Reiss, Stubel, Van Beneden e Van Volxen – para reforçar o valor científico da instituição. Na segunda circular, o diretor do Museu introduziu os primeiros fascículos à instituição receptora e propôs-lhe a permuta.<sup>7</sup>

Tais circulares são, deste modo, complementares à revista e seu sentido mantém relação direta com ela, seja justificando a publicação de atos administrativos junto ao periódico, seja dialogando com os significados da *Advertência*, onde Ladislau ressaltou a importância institucional do Museu e de seus agentes e advertiu sobre o futuro do Museu, num tom bastante otimista, já prevendo o seu progresso.

Ladislau iniciou o texto estabelecendo comparações entre dois momentos que marcaram a trajetória da instituição: um anterior, caracterizado pelo “lastimável desalento” provocado pela letargia do governo; o outro, qualificado como um período no qual “o Museu

<sup>6</sup> Relatório do Museu Nacional. 1877. Disponível em [www.obrasraras.museunacional.ufrj.br](http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br).

<sup>7</sup> Ambas as circulares integram o relatório supracitado.

5

Nacional, em sua nova e auspiciosa constituição, se prepara a vincular-se d'ora por diante aos grêmios científicos e aos congressos da civilização” (Netto, 1876), o que levava Ladislau a prever-lhe um futuro promissor. O marco divisório entre estes dois momentos era aquela contemporaneidade, a partir da qual entraram em vigor novas normas institucionais que, colocadas pelo Regulamento, possibilitaram a “auspiciosa constituição” do Museu, materialmente visível na produção da revista.

Nesta comparação, o diretor destacou os percalços vividos pela instituição e fez referência aos diretores precedentes, isentando-os da culpa pelas dificuldades vividas pelo Museu e homenageando-lhes pelo reconhecido trabalho:

*“Obreiros da ciência, cansados de longo esperar, adormeceram murmurando frases de desconsolo e descrença (...), mas pertence-lhes a melhor parte de nossas pacíficas e modestas vitórias, e pois homenagem lhes seja atribuída nas primeiras páginas dos anais” (Netto, 1876).*

Apesar da constante crítica ao governo, Ladislau encerrou o texto fazendo agradecimentos ao governo imperial. Convenientemente, o que ele criticava era o governo passado. Naquele momento, o ministro e o imperador eram figuras de louvor.

*“o sr. Conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, que consorciando seu esclarecido entendimento à perspicua e benéfica vontade do imperador, entreteceu seu já distinto nome ao do nosso preclaro Soberano na reorganização do Museu” (Netto, 1876).*

Temos, portanto, no volume um dos *Arquivos* um prefácio situado preliminarmente ao texto e redigido para o momento da publicação, o que o define como um prefácio original. O prefácio “tem por função garantir ao texto uma boa leitura” (Genette, 2009:176). A especificação da gênese da obra e os agradecimentos dirigidos a pessoas e instituições podem ser escolhas do prefaciador que visam valorizar a obra. Assim, consideramos que a intenção de Netto era introduzir o periódico no meio científico, ressaltando a ação dos seus promotores, dentre os quais está a figura de Pedro II, o imperador amigo da ciência, e elevando o lugar científico e social ocupado pelo Museu para, deste modo, legitimá-lo.

### **O Volume 5: *Algumas Palavras***

6

O Volume 5 dos *Arquivos* foi publicado no ano de 1881. Ele trouxe a principal obra do Frei José Mariano da Conceição Velloso<sup>8</sup>, a *Flora Fluminense*. Apesar de já ter sido publicada no ano de 1825, a *Flora Fluminense* divulgada nos *Arquivos* portava um diferencial: uma parte completamente inédita do trabalho do Frei Velloso. É justamente o valor desta obra, bem como do seu autor, que Ladislau Netto destacou neste prefácio.

A convite do vice-rei, Luís de Vasconcelos e Sousa, Frei Veloso foi para Lisboa em 1790, levando consigo a sua obra, a *Florae fluminensis*, que pretendia publicar. Lá, trabalhou no Real Museu e Jardim da Ajuda e na Academia de Ciências de Lisboa. Ele também atuou como editor e, com o apoio do ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, ocupou lugar de destaque na tipografia do Arco do Cego, complexo editorial onde o frei “se envolveu no esforço de criar uma rede de tipografias vocacionadas para a publicação de obras de história natural” e se projetou como “tradutor, divulgador, editor e intermediário na produção de textos” (Boschi, 2006:497).

De volta ao Brasil, Frei Veloso, manteve ligação com D. Rodrigo que, estando igualmente no Brasil a partir de 1808, criou a Imprensa Régia do Rio de Janeiro, lugar onde também atuou Frei Veloso e os demais brasileiros que foram, outrora, colaboradores do Arco do Cego. Apesar da sua estreita ligação com o trabalho editorial, o frei editor não conseguiu publicar a *Flora Fluminense* por razões ainda hoje controversas aos historiadores. Ele faleceu em 1811 e a publicação de parte de sua obra só ocorreu em 1825, durante o Primeiro Reinado.

Quase sessenta anos depois da primeira publicação, Ladislau Netto optou por republicar tal obra. No prefácio do Volume 5 dos *Arquivos*, intitulado *Algumas Palavras*, não é o frei editor que Ladislau Netto ressaltou, mas o frei cientista, aquele cuja obra tem seu valor na classificação de espécies e que, infelizmente, não teve o mérito de ser reconhecida pelos homens de ciência do seu tempo. São, então, dois elementos evocados por Netto que, ao longo do prefácio, tornam-se úteis na valorização e, conseqüentemente, na recomendação da obra: a genialidade do autor e a originalidade da obra.

---

<sup>8</sup> Frei Velloso nasceu em São João Del Rey em outubro de 1741. Em 1761, ingressou para a ordem franciscana num convento do Rio de Janeiro. Tornou-se docente de Geometria no convento de São Paulo, ministrou aulas de História Natural no convento de Santo Antônio e dedicou-se aos estudos de Botânica. Em 1873, iniciou oficialmente seus trabalhos como naturalista. Durante oito anos, em sua Expedição Botânica, fez várias viagens pela província fluminense. Ver Bragança, 2010.

Netto iniciou o seu texto afirmando que o volume cinco dos *Arquivos* era o “de maior vulto dos que até este momento temos dado ao prelo” e que, apesar de conter apenas um único trabalho, este consistia em “nada menos que o texto completo da *Flora Fluminense*, do Fr. José Mariano da Conceição Veloso”. Acrescentou ele que o autor tratava-se de um “infatigável botânico brasileiro que logrou erguer no fim do século passado o maior monumento científico ainda hoje conhecido de autor nacional” (Netto, 1881).

Ladislau ainda criou no texto um espaço de manifesto em defesa do autor. Ali, ele justificou o frei e rebateu seus críticos. Como já sabemos, frei Veloso não conseguiu imprimir sua obra e é esta, segundo Ladislau, a causa para o esquecimento do frei no “orbe da ciência”. Segundo Ladislau, entre a data de produção – 1790 – e a de publicação – 1825 –, “o íntegro valor do trabalho se havia profundamente modificado”. Isso porque “o sistema linneano adotado por Veloso e geralmente aceito quando ele escreveu a *Flora Fluminense* já estava de há muito no seu ocaso pelo ano em que se imprimiu este manuscrito” (Netto, 1881).

A não impressão da obra ocasionou outro infortúnio para a vida profissional do Frei Veloso: o mérito das classificações acabou recaindo sobre pesquisadores estrangeiros. Afinal, o início do século XIX “foi justamente o ciclo de maior número de viagens, empreendidas e realizadas por naturalistas europeus nas terras do Brasil e em particular na província fluminense”, onde coletaram várias espécies “inúmeras das quais tinham sido colhidas e determinadas por Veloso” (Netto, 1881).

Ainda em resposta aos críticos da obra, Netto apontou grandes dificuldades enfrentadas pelo frei durante a realização do seu trabalho como botânico. Num tom compreensivo, Netto absolveu Frei Veloso das lacunas e das incorreções de sua obra, tendo em vista o “segregamento em que vivia aquele religioso de tudo quanto mais útil lhe era ao trama e remate de sua obra”. E seguiu: “fora dos grandes herbários e longe dos centros consultivos europeus (...) muito é que houvesse incorrido em alguns equívocos ou perdoáveis descuidos o botânico brasileiro” (Netto, 1881). Para ele, as faltas do Frei Veloso não eram resultado de sua incompetência, mas sim das condições inadequadas para o fazer científico.

O texto é finalizado com uma breve história da publicação da obra. Ele informou o leitor da publicação em 1825, ocorrida por ordem do imperador e sob direção do Frei Antonio da Arrabida, diretor da Biblioteca Nacional. Em seguida, ele tratou da publicação nos *Arquivos* que, além de trazer a parte anteriormente publicada, divulgou em suas páginas a

8

parte inédita do trabalho do Frei Velloso. Netto disse que isso só foi possível graças à generosidade do diretor da Biblioteca Nacional, Ramiz Galvão, que cedeu ao Museu Nacional a parte inédita até então guardada na referida biblioteca.

E, por fim, Netto encerrou o texto recomendando explicitamente a obra ao governo e ao público: “ao Governo, a quem nem sempre ocorre ou lembra o que tantas vezes requer o seu bem entendido auxílio; ao público, para com o qual não pôde o Museu Nacional deixar de manifestar a gratidão que lhe deve” (Netto, 1881).

Perguntamo-nos então: o que teria motivado o diretor da revista a publicar uma obra ultrapassada, sem utilidade científica? Certamente, não era o valor de uso da obra que levou à sua reimpressão e sim o seu valor histórico. Netto pretendia preservar a memória dos seus precursores e, assim, dar legitimidade as práticas científicas desenvolvidas no Brasil.

A *Flora Fluminense* consistia num trabalho abrangente de classificação de espécies botânicas, primordialmente elaborada por um naturalista brasileiro, iniciador, portanto, de uma ciência nacional. O caráter monumental atribuído por Ladislau à obra do Frei Velloso corrobora a sua importância no cenário científico-histórico da época. Para o diretor do Museu Nacional, “justiça se lhe há de fazer” ao trazer novamente à tona o seu trabalho, cabendo ao Museu Nacional, o “paladino das ciências naturais”, esta tarefa.

O prefácio de Ladislau Netto, neste volume dos *Arquivos*, pode ser considerado como alógrafo tardio, isto é, escrito por um prefaciador, que não é o autor, para a edição de uma obra que ficou inédita<sup>9</sup> por muito tempo, em geral póstuma. Para Genette, as funções do prefácio alógrafo coincidem com as do prefácio autoral original, que é favorecer e guiar a leitura. Nele, a informação sobre a gênese da obra, sobre a história de sua produção e sobre as circunstâncias da vida do autor servem para apresentar a obra e recomendá-la ao leitor.

### **O Volume 6: *Prefácio e Advertência* – um volume, dois prefácios**

No *Prefácio* do sexto volume dos *Arquivos*, Ladislau expôs a principal motivação para a produção daquela publicação: a Exposição Antropológica Brasileira de 1882 realizada no Museu Nacional. Publicado em 1885, três anos após a Exposição, o volume seis trouxe textos de autoria de Charles Frederic Hartt, João Batista de Lacerda, José Rodrigues Peixoto e do

---

<sup>9</sup> Consideramos o volume cinco inédito porque, apesar de ter sido boa parte da *Flora Fluminense* publicada em 1825, foi a parte ainda por publicar que animou o diretor do Museu. Ou seja, o texto posto nos *Arquivos* diferiu da publicação anterior, que circulou incompleta.

9

próprio Ladislau Netto e significou para Netto “um novo testemunho escrito desse auspicioso certame” (Netto, 1885).

A Exposição Antropológica, iniciada em 29 julho de 1882, teve duração de três meses. Nela, artefatos indígenas – arqueológicos e etnográficos –, fotografias, livros, crânios e até mesmo índios vivos foram expostos em oito salas do prédio do Museu Nacional, a época situado no Campo de Santana. Para a composição deste acervo, Netto contou com a colaboração dos governadores das províncias que, atendendo a seu pedido, remeteram ao Museu objetos coletados em sua região. Além disso, o próprio Ladislau se empenhou em percorrer algumas províncias do norte coletando aquelas peças que julgava interessante expor no evento que então planejava. Os objetos selecionados foram distribuídos em oito salas, as quais receberam nomes de personalidades históricas que estiveram ligadas à temática indígena e que contribuíram para o desenvolvimento das ciências naturais: Vaz de Caminha, Rodrigues Ferreira, Lery, Hartt, Lund, Martius, Gabriel Soares e Anchieta.

Diante da diversidade de objetos expostos ao visitante, a Exposição, apesar de ter sido denominada Antropológica, privilegiou igualmente outras duas áreas de conhecimento do homem, naquele momento em processo de constituição do seu campo disciplinar: a Arqueologia e a Etnografia. Assim, entendemos “tal exposição como uma situação paradigmática em que ciência e nação se fizeram representar” (Rankel, 2007, p. 7). Afinal,

*“nessa exposição, mais do que coleções arqueológicas, etnográficas e antropológicas, foi exibida a singularidade nacional com que Netto esperava inserir o Brasil no mundo científico internacional. O que se pretendia expor e o que unia os conteúdos das diversas vitrinas era o papel que cabia ao Museu Nacional do Rio de Janeiro cumprir na construção do imaginário do Império brasileiro e no panorama das ciências universais” (Lopes, 2001: 63).*

No volume seis da revista, a tríade Antropologia, Etnologia e Arqueologia, representada na Exposição, igualmente deu corpo ao periódico produzido no ano de 1885. Nele, o trabalho de Hartt sobre etnologia no Vale do Amazonas, de João Batista de Lacerda e de José Rodrigues Peixoto, ambos relativos aos estudos físicos da Antropologia, e o de Ladislau Netto, referentes à Arqueologia Brasileira, mostraram que “o Brasil, para Netto, se havia tornado moderno na medida em que poderia sonhar com a sua própria antiguidade” (Andermann, 2004:150).

10

A publicação em análise parece, aos olhos de Netto, colocar a Exposição Antropológica agora em um novo suporte: o papel. Ali, análises de especialistas revelavam o sentido da exibição e da conservação dos objetos que, para além do olhar dos curiosos observadores, estariam disponíveis aos leitores situados em diversas partes do mundo. O volume seis adquiria, portanto, feições de uma exposição itinerante. “O que foi aquela exposição, sabe-o hoje o Brasil inteiro e vai verifica-lo em breve todo o mundo civilizado com a publicação dos documentos que só agora começo de dar a lume” (Netto, 1885).

No *Prefácio*, redigido em janeiro de 1885, Netto percorreu primeiramente a sua própria trajetória profissional para, em seguida, explicar como ele chegou à execução da Exposição de 1882. Prefaciando a revista, ele informou que seu interesse pela origem do homem teve início havia vinte anos, quando concluía seus estudos em Paris, ocasião na qual se discutia o trabalho de Boucher de Perthes<sup>10</sup>: “quantas páginas indecifradas, sobre a história da humanidade, não encerram ainda esses arquivos de pedra até hoje ocultos na mudez da noite eterna do passado!” (Netto, 1885).

Em sequência, destacou que, com seu retorno ao Brasil, atuou no sentido de chamar a atenção das autoridades para a importância dos estudos dos povos primitivos do Brasil. Isso porque, em 1867, ele escreveu um ofício ao então ministro da Agricultura ressaltando a necessidade de tais estudos. Este documento foi publicado na imprensa da Corte e republicado na imprensa das províncias, o que teria provocado grande comoção pública, segundo Netto. Daí o seu valor. Afinal, a circulação daquele texto impresso permitiu que seu apelo tivesse “plantado no espírito do público o gérmen da simpatia nacional em favor da gloriosa propaganda.” (Netto, 1885).

Netto prosseguiu destacando sua ação individual no desenvolvimento dos estudos dos primeiros habitantes do país. Ele avisou ao leitor que: foi sugestão sua a criação de um museu especializado em Antropologia, que se esperava ser levada a cabo pelo governo imperial – o que acabou não acontecendo; a Exposição Antropológica de 1882 foi um projeto seu, concebido desde 1880 e que, quando executado, logrou grande êxito.

Tamanho sucesso alcançado naquele “brilhante jubileu científico” exigia de Netto a produção de dois tipos de impressos: o catálogo e a revista. O primeiro, ele entendia como

---

<sup>10</sup> Jacques Boucher de Crèvecœur de Perthes (1788-1868) foi arqueólogo francês que se tornou notável por seus estudos sobre a antiguidade da espécie humana.

11

insuficiente, secundário, por razões não explicitadas no prefácio, ao contrário do segundo, considerado “mais solene ou mais larga comemoração”. “Vem daí a prioridade concedida a este volume sobre a publicação do referido catálogo. Quanto a este, já em parte presentemente impresso, vai ser um breve concluído” (Netto, 1885).

Na verdade, já havia sido impressa especialmente para a Exposição a *Revista da Exposição Antropológica Brasileira*, dirigida por Mello Moraes Filho e distribuída às províncias do Império. “A revista contou com 112 artigos de autores do Museu Nacional, como Netto e Lacerda, alguns políticos, viajantes e cronistas” (Rankel, 2007:70). De acordo com Rankel, “a linguagem era mais acessível em relação à utilizada nos *Arquivos do Museu Nacional*” e a estrutura iconográfica era farta de estampas e gravuras. Tratava-se de uma publicação de vulgarização científica. Mas, não era a esta revista que Netto se referia e sim ao volume seis da *Revista Arquivos*, cujo uso naquele momento era comemorativo.

Publicar para comemorar. Entendemos que a intenção de Netto com aquela publicação era mais que festejar aquele evento, era rememora-lo, eternizando-o nas páginas impressas. Para isso, seu conteúdo, isto é, os textos que davam forma ao volume, deveriam ser significativos. Netto, então, deu informações sobre as condições de produção e seleção dos textos, colocando o leitor a par da composição da obra e, ao mesmo tempo, introduzindo-o a uma leitura mais pertinente.

Sobre os textos de Charles Frederic Hartt – redigidos quase dez anos antes da publicação do volume seis –, Netto disse que consistiam em trabalhos inconclusos e que foram compilados por Orville A. Derby<sup>11</sup>, “quem tomou a si o pio encargo de enfeixar em limites menos vagos as notas esparsas, deixadas pelo mestre.” (Netto, 1885). Quanto aos textos de Lacerda e de Rodrigues Peixoto<sup>12</sup>, que tratam dos estudos craniológicos, Netto denominou os autores como naturalistas, o que evidencia a Antropologia como disciplina diretamente ligada às ciências naturais naquele momento:

“De dois naturalistas brasileiros, os Drs. Lacerda e Rodrigues Peixoto, acham-se inseridas neste volume investigações que se me afiguram as mais completas (...).

<sup>11</sup> Derby foi sucessor de Charles F. Hartt no Museu Nacional. Ele estudou na Universidade de Cornell, integrou a Comissão Geológica do Brasil, organizou as coleções de mineralogia e paleontologia do Museu e publicou diversos artigos nos volumes 2, 3 e 4 da *Revista Arquivos do Museu Nacional*.

<sup>12</sup> Lacerda era médico e membro da Sociedade de Antropologia de Paris. Foi subdiretor e diretor da 1ª Seção do Museu Nacional. Peixoto também era formado em medicina, foi membro da Comissão Sanitária da Glória e traduziu o livro de Charles Hartt, *Esboço de uma gramática da língua tupi moderna*.

*Pertencem-lhes, como é sabido, os primeiros subsídios rigorosamente determinados (...) para o desenvolvimento da craniometria comparada” (Netto, 1885).*

Na parte final do volume se encontra o trabalho do próprio Ladislau Netto relacionado à Arqueologia brasileira. A ele, Netto se referiu no *Prefácio* como um ensaio e justificou-se perante o leitor, caso ali encontrasse equívocos. Ele afirmou que escreveu aquele ensaio no “intento de dar ideia aproximada das antiguidades que já hoje entesoura o Museu Nacional” e o que lhe pareceu defeitos, “de sobra o disse na introdução com que o prefaciei” (Netto, 1885). Netto, assim, antecipou-se às críticas. E o volume seis, portanto, oferece dois prefácios: um, que apresenta o volume, e outro, que apresenta o artigo de sua autoria.

Introduzindo, deste modo, o seu artigo, Netto afirmou na *Advertência* que aquele trabalho fosse “premature talvez” e que havia a necessidade de “examinar muitas vezes ainda alguns dos pontos de controvérsia aí lançados”. Entretanto, isso reclamaria “alguns meses mais de estudo e reflexão”, o que retardaria ainda mais o atendimento às “missivas de fora e dentro do país a pedirem-me esta publicação, que se sabia consagrada à Exposição Antropológica, há muito encerrada.” O estudo então publicado era “o projeto imperfeito do trabalho que não me foi dado concluir” (Netto, 1885:258 e 259).

Assim como no prefácio de abertura do volume, neste Netto igualmente ressaltou a sua trajetória na valorização dos estudos dedicados aos “primitivos habitantes do solo brasileiro.” Ele novamente apontou o ano de 1867 como o início dos seus esforços para reunir material sobre tais estudos e atribuiu ao apoio que recebeu da imprensa, que reproduzia suas cartas, a causa que despertou “a atenção pública em favor de tão atraente e valioso assunto” (Netto, 1885:257). Netto ainda ressaltou a sua participação na Sociedade Velloziana, a qual a imprensa mais uma vez deu publicidade às suas investigações, e na Exposição Antropológica, evento que idealizou e para o qual adquiriu parte das coleções exibidas. Contudo, ele deixou claro que seu envolvimento naqueles trabalhos era “em benefício do Museu Nacional” e que “para manter seus créditos não poderia já lançar ao esquecimento”. (Netto, 1885:258).

Por fim, queremos destacar a provocação que Netto lançou na *Advertência*: “forneci argumentos contrários à escola autóctono-poligenista americana.” E completou: “onde maior força parecem ter os argumentos em favor de uma determinada ideia, encontra a ideia contrária as suas melhores armas defensivas e até agressivas” (Netto, 1885:259). Isso porque os objetos da cultura material dos povos indígenas colecionados no Museu Nacional, sendo

13

parte deles postos à análise naquele impresso, davam evidências da “cultura intelectual dos povos que os fabricaram.” Netto se eximiu de fazer conclusões e delegou “a outros a interpretação”. Colocou-se como um pesquisador neutro na medida em que se ateuve “a mais escrupulosa reserva, evitando que de modo algum interviesse a menor sombra das minhas próprias prevenções”, mas ponderou que “das duas classes em que se dividem os antropologistas, não creio ser a dos poligenistas a que maior e mais valioso quinhão tenha de respingar na messe que aí exponho às vistas dos dois grupos.” (Netto, 1885:259).

Assim, temos num mesmo volume a *Advertência*, caracterizado como um prefácio autoral original, e o *Prefácio*, este alógrafo original. Em ambos, o diretor do Museu Nacional, no lugar de prefaciador, anunciou ao destinatário da obra, isto é, o leitor, a sua influência sobre o desenvolvimento dos estudos arqueológicos e etnográficos do país e enfatizou a importância destes estudos para os paradigmas científicos da época. A leitura da obra, portanto, tornava-se indispensável.

### **O Volume 7: *Prefácio***

Em 1887, o Museu Nacional publicou o sétimo volume dos *Arquivos*. Nele, o paleontólogo norte-americano, Charles A. White<sup>13</sup>, e o diretor da Seção de Geologia, Mineralogia e Paleontologia Geral do Museu Nacional, Orville A. Derby, divulgaram trabalhos que produziram a partir das coleções adquiridas por Charles Frederic Hartt<sup>14</sup> nas expedições da Comissão Geológica do Brasil.

Tal Comissão, existente no curto período de 1875-1877, é considerada por Figuerôa como “a primeira iniciativa institucional, de âmbito nacional, no campo específico das ciências geológicas” (Figuerôa, 2001:113). Isso porque consistiu numa expedição onde a geologia formava o escopo essencial do trabalho, diferentemente das demais instituições da época, nas quais as ciências geológicas tinham um papel complementar na história natural.

---

<sup>13</sup> Charles A. White foi diretor do Museu Nacional nos Estados Unidos e professor da Universidade de Iowa. Ele integrou a United States Geological Survey entre 1874 e 1892 e foi eleito, em 1883, presidente da Sociedade de Biologia de Washington.

<sup>14</sup> Hartt chefiou a referida comissão. Antes de se estabelecer no Brasil, foi professor na Universidade de Cornell e integrou a Thayer Expedition (1865), ao lado de Louis Agassiz, John Rathbun e John C. Branner, naturalistas que naquela ocasião percorreram o Brasil por dois anos. Publicou o livro intitulado *Geology and Physical Geography of Brazil* (1870) e tornou-se diretor da 3ª Seção do Museu Nacional (1876-1877).

14

Da Comissão Geológica do Brasil, Hartt coletou aproximadamente 500.000 amostras, que contribuíram expressivamente para a formação do acervo do Museu Nacional e iniciou a redação das memórias dos trabalhos – sem concluí-las –, objetivando a descrição e a classificação de minerais, de fósseis e do solo observados. (Figuerôa, 2001).

O volume de 1887 traz o desejo de concluir o estudo iniciado por Charles Hartt. “Mas, a quem confiar tão espinhosa tarefa e quem me seria capaz de compreender labores do mais subido alcance se bem que não levados ao termo por quem tão brilhantemente os iniciara?” (Netto, 1887). Coube à White e à Derby divulgarem as considerações a respeito das descrições feitas por Hartt, levando ao leitor a impressão de que, naquele momento, o trabalho de Hartt estava finalizado, deram frutos, não tendo sido em vão, já que seus objetivos foram alcançados, ainda que postumamente.

O volume é constituído pela adição de textos escritos em momentos diferentes. A parte introdutória, escrita por White e Derby, e o texto final, de Derby, foram produzidos para o momento da publicação. Os estudos das amostras de fósseis do período cretáceo, realizados por Charles White em Washington, ocorreram em datas distintas e foram divididos em cinco partes: I) Coníferos, de 7 de março de 1882; II) Gastrópode, de 5 de maio de 1883; III) Cefalópodes, de 15 de junho de 1882; IV) Moluscos de água doce do grupo da Bahia, de 1 de março de 1883; V) Equinodermos, de 6 de fevereiro de 1884.

Compilados para a revista, deram origem a uma única obra. A unidade da coletânea foi reforçada no prefácio por Netto quando afirmou que “do presente volume grande parte é ainda da lavra dele”, isto é, de Hartt, e que aquela publicação se tratava de uma homenagem à sua memória. Ele ainda escreveu que o acurado labor do naturalista Charles White “deixou nas brilhantes páginas o melhor monumento de que se terá por muitos anos notícia sobre os invertebrados da fartíssima fauna cretácea brasileira.” (Netto, 1887). Ou seja: apesar de o conteúdo da revista ter sido elaborado por White e Derby em períodos diversos, são a fauna brasileira e o trabalho de coleta de Hartt o fio que une e justifica os trabalhos publicados.

A intenção de Netto na publicação era clara: perpetuar o nome de Hartt, “relembrarmos o seu arguto entendimento” e, principalmente, ampliar o valor da revista e o prestígio do Museu, “alvo já de simpatias inequívocas e de elevado conceito entre os institutos seus congêneres nos dois hemisférios” (Netto, 1887). Ele reconheceu que a produção do volume sete, tal como se apresentou, só foi possível graças à Derby, que cuidou de preservar o

15

material deixado por Hartt, e ao trabalho meticuloso de White, por quem nutria apreço e admiração e por ele considerado o mais capacitado para averiguar tal material, o “ilustre paleontólogo”, o único capaz de compreender o valor daquela obra deixada inconclusa.

Assim, temos no *Prefácio* de Ladislau Netto, as idéias de continuidade e unidade perfazendo o texto. Para o prefaciador, os trabalhos publicados no sétimo volume da *Revista Arquivos* consistiam numa extensão do trabalho iniciado por Hartt. Apesar de os textos terem sido criados em momentos díspares por autores que não eram Hartt, era ele ainda assim a razão de ser da revista. Evocar a memória de Hartt significava buscar legitimidade para as práticas científicas realizadas no Museu e enfatizar os progressos alcançados pela instituição. Afinal, o trabalho dos predecessores havia rendido frutos ao Museu. Aos receptores da publicação, com quem se partilhava as conquistas, ficava a motivação para a leitura.

### **Considerações finais**

Com base no que foi exposto, entendemos que a funções do prefácio de Ladislau Netto, naqueles anos em que ocupou a comissão de redação da revista e a direção do Museu, era: inserir o Museu Nacional na comunidade científica, estabelecendo diálogo com os pares; conformar a leitura dos textos, transmitindo ao leitor sua percepção sobre a obra e sobre o autor; validar as práticas científicas desenvolvidas naquele espaço de ciência, destacando a trajetória dos seus precursores e, com isso, evocando a memória dos fundadores de uma ciência nacional.

Assumindo o duplo papel de editor e prefaciador, competia a Netto operar para a melhor receptividade daquele periódico. A este trabalho, Ouvry-Vial chamou de ato editorial. Nele, o editor se coloca na posição de leitor, tornando-se um intérprete do seu tempo. Ele prepara as condições que considera adequadas para o encontro entre o leitor e o autor, tendo o livro como *medium*. Nesse sentido, os paratextos editoriais são importantes recursos do editor porque “il faut supposer une intentionnalité présidant aux opérations formelles d’édition et qui consiste à manipuler, s’approprier, user d’éléments de compréhension du texte e du livre provenant de cultures, de genres ou encore d’époques différeantes” (Ouvry-Vial, 2007, p.70). Assim sendo, os prefácios são destinados à adaptar o texto às práticas de leitura. E, no nosso caso, foi Ladislau Netto quem assumiu para si esta tarefa.

### **Referências Bibliográficas**

ANDERMANN, Jens. Espetáculos da Diferença: a Exposição Antropológica Brasileira de 1882. In: *Topoi. Revista de História*. Jul-Dez 2004. v. 5. n. 9.

BOSCHI, Caio César. Política e Edição: os naturais do Brasil nas reformistas oficinas do Arco do Cego. In: DUTRA, Eliana de Freitas e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Política, Nação e Edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.

BRAGANÇA, Aníbal. Antônio Isidoro da Fonseca e Frei José Mariano da Conceição Veloso: precursores. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2010.

FIGUEROA, Silvia Fernanda de Mendonça. A Comissão Geológica do Império do Brasil. In: DANTES, Maria Amélia (org.). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martinsr. *Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1939)*. São Paulo: USP. 2008. Tese (Doutorado em História).

LOPES, Maria Margaret Lopes. Cooperação Científica na América Latina no final do Século XIX: os intercâmbios dos museus de ciências naturais. In: *Revista Interciência*. Venezuela, 2000. v. 25, n° 05.

\_\_\_\_\_. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2001, v. 21, n. 41.

LOPES, Maria Margaret e MURIELLO. Ciências e Educação em Museus no final do século XIX. In: *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, 2005. v. 12.

NETTO, Ladislau. Advertência. In: *Revista Arquivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1876. v.1.

\_\_\_\_\_. Algumas Palavras. In: *Revista Arquivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1881. v.5.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: *Revista Arquivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1885. v.6.

\_\_\_\_\_. Advertência. In: *Revista Arquivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1885. v.6. pp. 257-260.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: *Revista Arquivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1887. v.7.

OUVRY-VIAL, Brigitte. L'acte editorial: vers une théorie du geste. In: *Communication et langages*. Nº 154, 2007. pp. 67-82.

RANKEL, Luiz Fernando Rankel. *A Construção de uma Memória para a Nação: a participação do Museu Paranaense na Exposição Antropológica Brasileira de 1882*. Paraná: Universidade Federal do Paraná. 2007. Dissertação (Mestrado em História).

REGIMENTO INTERNO. Fundo Museu Nacional. Série Diretoria. Avisos e Ofícios. Pasta 18. Doc. 9A. 1879.

REGULAMENTO DE 1876 DO MUSEU NACIONAL. In: *Revista Arquivos do Museu Nacional*, v. 1. 1876.

VERGARA, Moema. *A Revista Brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da monarquia para a república*. Rio de Janeiro: PUC-Rio. 2003. Tese (Doutorado em História)